

Exemplos da Luta Armada 14.9.84 não deviam ser esquecidos

— Major Cipriano Salegua, em entrevista aos órgãos de Informação

«Há experiências que adquiri na Luta Armada de Libertação Nacional que ainda são aplicáveis, no momento actual, e que infelizmente são postas de lado. É o caso da educação política aos nossos jovens, que se atrevem a chamar mato, ao campo, onde eles nasceram. Desprezam a sua origem». Assim falou o Major Cipriano Salegua, actualmente afecto ao Estado-Maior do Ministério do Interior, numa entrevista que concedeu aos órgãos de Informação nacionais, para falar da sua experiência como veterano da Luta Armada.

«Nós tínhamos os três princípios que nos guiaram durante a Luta Armada, que eram Estudar, Combater e Produzir, mas, hoje em dia, os nossos jovens estudantes, basta concluírem a instrução primária, já não querem saber mais nada sobre o campo e isto é reflexo da falta de educação política para fazer compreender, às pessoas, a necessidade da aliança de tarefas».

O Major Salegua referia-se às experiências que depois, da Independência, deixaram de ter eco na vida quotidiana das pessoas.

«Quando entrei para a FRELIMO, em 1962, encontrei muitos camaradas, cujo desaparecimento de Mueda não deixara de notar, mas não sabia para onde iam. E ali encontrei outras camaradas pela primeira vez. Todos éramos companheiros, não havendo distinções que criassem separatismos ou grupos no seio da FRELIMO, pois todos tinhamos o mesmo objectivo — liquidar o colonialismo» — recordou o Major Salegua, ao falar do seu primeiro contacto com a FRELIMO.

O Major Cipriano ingressou na FRELIMO depois da realização do I Congresso, tendo sido contactado pelo seu camarada João Namimba, que participou nesse Congresso.

«Infelizmente, apesar do muito segredo em que a mobilização era feita, a PIDE teve conhecimento do caso. Namimba foi preso e a lista dos nomes dos camaradas que estavam inscritos voluntariamente para a FRELIMO caiu nas mãos deles e fomos todos perseguidos».

Foi nesta altura que Cipriano Salegua, não podendo continuar em sua casa, fugiu para o Tanganika abandonando os pais com quem vivia, em 1962.

Depois de regressar da Argélia onde recebeu treino militar, no mesmo grupo que integrava o Presidente Samora foram abrir o centro do Kongwa.

«É neste centro que, sob a direcção do Presidente Samora Moisés Machel, recebi a minha primeira tarefa como instrutor político-militar para transmitir o que tinha aprendido nos campos de Tierete e Nafrá, na Argélia. Lá, como os oficiais argelinos falavam francês, o camarada Feliciano Gunda é que traduzia para português» — recorda o Major Salegua.

A seguir, para conhecer na prática a guerrilha, foi destacado para visitar uma frente no Niassa e, pelo caminho, foram atacados por soldados sul-africanos. Neste ataque, perderam o comandante Valentim. Quando regressou do Niassa para Kongwa, pouco depois, mudaram o centro para Nachingwea donde partiu para um outro curso, de artilharia, nas montanhas de Morogoro na Tanganika.

«Quando regresssei de Morogoro, continuei como instrutor artilheiro e quando terminávamos um curso, a prova era um ataque a uma base inimiga».

Mais tarde, o Major Salegua foi indicado para abrir a Base Gungunhane, em Mueda, onde, segundo suas palavras, controlavam o inimigo na sua própria base.

«Durante a crise política da FRELIMO, em 1968, o inimigo lançou vários e insistentes ataques contra as nossas posições. Um grupo encabeçado por Lázaro Kavandame fecha a



«Há experiências que ainda são aplicáveis» — disse-nos o Major Cipriano Salegua

fronteira entre o Tanganika e Moçambique, no rio Rovuma.

Foi a acção do Major Salegua que permitiu desmantelar o grupo de traidores formados por Kavandame, que bloqueavam o abastecimento das posições da FRELIMO, no interior de Moçambique.

«Recebi ordens para resolver esta questão e mobilizei um grupo de homens para deslocarmo-nos à zona onde aqueles estavam entrancheirados. Cercámos a zona e conseguimos capturar todos, juntamente com os seus chefes, que mais tarde enviei à base provincial. Estava reaberto o tráfego para o abastecimento em armamento e alimentação».

Quando o grupo de Kavandame foi desmantelado, este não ficou de braços cruzados. Empreendeu diligências, na qualidade de Secretário da Província de Cabo Delgado, para matar com conhecimento das estruturas superiores, o homem que o incomodava.

«Depois de o Presidente Samora tomar conhecimento do caso e saber que se tratava do homem que tinha destruído o grupo de traidores que bloqueava a fronteira e dada a contradição entre a acção que eu tinha levado a cabo e os ideais de Kavandame, este perdeu a causa.»

Não tendo conseguido os seus propósitos, Kavandame tenta por outras vias matá-lo mas antes de o conseguir, o Major Salegua foi transferido para Nachingwea.

«Se não fosse a determinação e a clareza da política da Frelimo, principalmente o bom senso do Presidente Samora, nesta altura, talvez estivesse morto», comenta Cipriano Salegua.

Depois deste episódio, que ficou registado na memória do Major Cipriano, transferido de Cabo Delgado, foi enviado para a União Soviética para aumentar os seus conhecimentos, donde regressou em 1971.

Depois dos Acordos de Lusaca, o Major Salegua comandou o pelotão que desembarcou na então Lourenço Marques, antes do Governo de Transição.